

CONFLITOS E O CHOQUE DE CIVILIZAÇÕES. UMA ANÁLISE DO CONCEITO DE CIVILIZAÇÃO DE SAMUEL HUNTINGTON PARA COMPREENSÃO DOS CONFLITOS CIVILIZACIONAIS ATUAIS.

Imo Grácio Márcio

RESUMO

O fim da Guerra Fria produziu uma nova ordem nas relações de poder entre os estados internacionais, surgindo novos elementos formadores das identidades oprimidas que aspiram à afirmação de um modo de ser, um modo de viver e ser olhado pelo mundo. Antigos conflitos latentes durante a guerra fria reaparecem, novos conflitos intrinsecamente ligados a cultura e religião surgem e o choque civilizacionais como sucessor dos conflitos ideológicos passam a ser objetos de estudos para a compreensão dos conflitos contemporâneos.

Palavras-chave: Civilizações; Choque; conflitos; cultura; religião

ABSTRACT

The end of the Cold War produced a new order in power relations between international states, emerging new elements that form oppressed identities that aspire to affirm a way of being, a way of living and way of being looked by the world. Old latent conflicts during the cold war reappear, new conflicts intrinsically linked to culture and religion emerge and the clash of civilizations as a successor to ideological conflicts become objects of study for the understanding of contemporary conflicts.

Keywords: Civilizations; Shock; conflicts; culture; religion

1. INTRODUÇÃO

Depois da queda do muro de Berlim que separava Alemanha Oriental da Alemanha Ocidental, espelhos das ideologias Socialista e Capitalista respectivamente e consequente queda do regime Socialista da União das Republicas Socialistas Soviéticas. Nos anos 90 o mundo viveu um momento de relativa calma no cenário das Relações Internacionais principalmente nas relações Estados Unidos da América – Rússia. Fukuyama no seu livro “O fim da história e o último homem” diz que com a vitória do modelo capitalista a democracia e o liberalismo econômico encabeçado pelo Japão, EUA, e a Europa ocidental eram a melhor ideologia a ser adotada pelo mundo e principalmente que já não havia espaço para guerras de ideologia. Era o fim de uma era conturbada das relações internacionais, mas se avizinhava uma outra era que começou com os ataques de 11 de setembro que deram ao mundo uma nova visão de conflitos que são as guerras das civilizações que é tônica dominante do século XXI. O fim da Guerra Fria reabriu lutas étnicas, em que questões regionais e locais substituíram blocos mundiais na relação entre países. A revalorização da etnicidade, enquanto recurso político, regeu esse fenômeno: as ideologias “fracas”, centradas sobre o jogo das afinidades culturais e históricas, recusaram a forte ideologia das rivalidades entre Leste e Oeste. “Quando se debilitam os estados nacionais preexistentes, logo ocorre a ressurgência de nações e nacionalismos, religiões e línguas, territórios e geografias, histórias e tradições, identidades e fundamentalismos, etnicismos e racismos.

O trabalho que ora se apresenta intenciona analisar questões pertinentes ao crescente desenvolvimento dos conflitos do Século XXI procurando trazer um paralelo entre estes conflitos e as razões que fazem ter as características que tem e por fim de que modo influenciam nas relações Geopolíticas das nações. A falta de identidade com o outro, o advento das tecnologias, a exposição do diferente, a necessidade de descobrir as tradições e culturas que fazem do “eu” diferente do “ele”, a afirmação do etnocentrismo global e “Civilizacentrismo” regional modificam as relações de poder entre civilizações e a geopolítica das mesmas.

O presente trabalho pretende conversar com os temas já conhecidos nos estudos dos conflitos internacionais e trazer uma abordagem teórica de autores como Fukuyama e Huntington que escrevem após a guerra fria sobre como seriam as disputas nos campos geopolíticos internacionais, não é objetivo desta pesquisa relatar os conflitos no mundo,

mas sim traçar um paralelo entre essas disputas o aparecimento e afirmação de civilizações.

Dá-se início com um breve capítulo sobre contextualização do mundo no fim do século XX o modo como o mundo muda de interesse de estudo no campo Geopolítico e das relações internacionais. Logo em seguida, o segundo capítulo versa sobre a ideia de civilizações durante a história e no século XXI. O terceiro capítulo versa sobre as razões de existirem esses choques de civilizações. O quarto capítulo dialoga sobre os diversos exemplos de choques dessas civilizações sob forma de conflitos.

2. MUNDO NOS FINAIS DO SÉCULO XX E INÍCIOS DO SÉCULO XXI

Para Huntington, até a Guerra fria a política do mundo esteve organizada em 3 (três) grandes blocos: mundo ocidental capitalista, mundo soviético e num terceiro grupo dos não alinhados que não queriam ser associados a nenhum dos dois anteriores.

Com o fim da URSS essa divisão e disputa da guerra fria acaba e Huntington diz que saímos desses 3 (três) grupos ou mundos definidos por ideologias, numa altura em que não importava as semelhanças ou gostos, mas importava qual a ideologia um estado ou povo seguia. Um dos sinônimos do capitalismo na altura era o termo Mundo livre e do outro lado no bloco socialista era Mundo Soviético ou comunista, com o fim da Guerra Fria em que o agrupamento era por ideologia surge Huntington que fala que novas configurações no mapa do mundo e novas alianças e grupos serão formados, estes grupos vão estar ligados com outras questões que não são mais econômicas nem ideológicas, mas sim ligadas a cultura, religião que são elementos básicos para formação das civilizações, portanto, as configurações que conhecíamos não existem mais e se vão criar outros critérios para criar novas divisões e alianças e relações. A geografia política global se move de (1) uma realidade 1920 para 3 (três) divisões até aos anos 1960 e na década de 90 se expande para 7 (sete) novas divisões e é a partir desta década que algumas terminologias começam a ser deixadas de lado, no lugar de mundo livre começa-se a ouvir Ocidente, outra terminologia que surge nessa altura é o Mundo Islâmico ou Grande China que não se conhecia ou pouco relevante, começa a se falar de Rússia, novas terminologias vão surgindo, e Huntington faz entender essas novas terminologias.

Surge um questionamento, será que com o fim da guerra fria e o suposto fim da história apresentada por Fukuyama não se criou uma sociedade globalizada, internacional, todo mundo partilhando das mesmas ideias, será que não teríamos nessa altura uma sociedade internacional? A resposta do Huntington é não, e acrescenta dizendo que até se tem um sistema internacional, Hedley Bull explica o que vem a ser um sistema internacional dizendo que é uma ordem internacional e coloca critérios para se ter uma sociedade internacional e fala do compartilhar de valores, ideias e culturas e certamente não era esse o cenário vivido nos anos 90, nem no início do presente século e não temos hoje uma cultura Universal, os povos não compartilham dos mesmos valores. A ideia de globalização é uma falsa ideia de que o mundo converge para um mesmo lugar, mas junto com a ideia de globalização se assiste ao aparecimento de uma ou várias outras forças, uma delas é a ideia de nacionalismo, outra são as forças culturais e religiosas, essas outras forças configuram ao que Huntington chama de ascensão da antiglobalização.

O facto é que não existe uma identidade universal ou cultura universal da terra, o mundo ainda está muito dividido talvez a globalização dê uma falsa sensação de que o mundo está conectado entre si, unificado e ligado de alguma forma, e que, portanto, as diferenças que existem são secundárias, mas não existe uma realidade única e as diferenças são reais.

A uma diferença entre a pergunta que se fazia durante a guerra fria e a que se faz depois da guerra fria. Durante a guerra fria a preocupação era em saber de que lado ideológico o indivíduo estava, que deixa de fazer sentido com o fim da guerra fria. A pergunta que começa a ser feita depois da Guerra fria é quem é você e quem sou eu? Num mundo em que as coisas são muito parecidas e se tem a ideia de que o mundo é igual, entretenimento, arte, cultura, as mesmas redes sociais, etc, e essa percepção de todos são iguais gera a vontade de autoconhecimento e identificação do diferencial dos indivíduos. Huntington verifica que existe uma crise de identidade e as pessoas querem saber quem elas são, assim entram na busca de se entender e se conhecer e essa busca faz com que o indivíduo olhe para suas tradições, diferenças, passado e aquilo que traz aos indivíduos o significado de ser único, o que vai levar o indivíduo a procurar na sua cultura e passado.

A que bloco você pertence? Essa passa a ser o novo questionamento, ao contrário da pergunta sobre ideologias que vigorou durante a Guerra Fria. Para um indivíduo resgatar sua identidade precisa buscar respostas na tradição, esse é o fator central que vai mudar as associações dos povos do mundo segundo Huntington. As linhas que se vão

desenhar no mundo, associações e divisões que se formam vão ser determinadas por esses fatores culturais.

Se nós formos tentar entender um pouco sobre cultura os símbolos culturais como por exemplo uma bandeira, contam, mas vários outros símbolos como uma cruz, uma lua crescente, uma burca, também fazem diferença, tem importância muito grande nas associações que vão ser criadas, no fundo a cultura é a parte mais importante para os indivíduos e estes estão redescobrimdo fatores culturais que não se lembravam mais. A questão cultural vem à tona e se torna o fator primordial dessas relações, nesse novo capítulo do mundo a cultura é tanto uma força unificadora quanto divisora.

Ora vejamos, as sociedades como Alemanha que esteve dividida ideologicamente no século XX, vai se unir, pois, compartilha da mesma cultura, Iugoslávia que estava unificada por uma ideologia ela vai separar, pois, a cultura desses países na Iugoslávia eram diferentes, então a cultura vai definir como os países vão se comportar. Na Coreia por exemplo, é uma divisão ideológica eventualmente um dia a sociedade coreana vai ser unificada, existem forças políticas que lutam contra, mas a cultura nalgum momento vai triunfar porque as ideologias são artificiais. Essas identidades culturais quando expandidas do nível singular mais baixos para o nível macro, elas se tornam identidades de civilizações, essa é a base das alianças das civilizações ou formações de grandes civilizações que vão se diferir das outras, embasadas encima das identidades culturais que serão as identidades das civilizações. As diferenças do desenvolvimento econômico se explicam por fatores e características culturais, a cultura vai dizer por exemplo, por que os países islâmicos não se abriram politicamente, e outras culturas como a do leste da Ásia podem explicar sucessos econômicos a exemplo da Coreia, Japão e China, deste modo fica claro que a base da organização do mundo é a cultura. (Huntington, 1996)

Cultura e religião são os dois elementos que formam as civilizações, civilização é constituída pela soma da sua cultura em que o idioma é parte central disso, com as suas religiões. Quando olhamos para as religiões importantes, percebemos que estão associadas as civilizações específicas.

Em uma realidade em que não há uma identidade se resgata cultura e religião, esses elementos ajudam a diferenciar pessoas das outras. Você precisa do diferente para dizer quem você é, nós definimos pela exclusão do outro.

O que é ser moçambicano Parte da definição da nossa identidade só pode ser concebida quando olhamos para o diferente de nos. Geralmente quando o moçambicano olha para o zimbabweano diz: ser moçambicano é não ser zimbabweano então a cultura e religião nos ajudam a nos definir por exclusão.

Os conflitos do mundo de hoje, se explicam com duas frases que Huntington traz em seu livro, a primeira é ” não se pode ter amigos verdadeiros sem verdadeiros inimigos” e a segunda “ a menos que o indivíduo não odeie aquilo que não é, o mesmo não vai amar o que é. Parece que segundo Huntington, para que o indivíduo se entenda e saiba quem ele realmente é precisa detestar ou odiar o diferente, daí o limite para quem sou eu ou quem somos nos.

3. O QUE SÃO CIVILIZAÇÕES E PORQUE SÃO IMPORTANTES NOS ESTUDOS DOS CONFLITOS

A história da humanidade é uma história de civilizações que formaram as identidades de sociedades por muito tempo, há muito debate sobre a definição de civilização, há 6 elementos que fazem parte de todas as análises de diferentes autores que se conversam sobre civilizações. Vamos começar analisando os termos **Civilização no singular** e **Civilizações no plural**. O primeiro está associado a algo evoluído, bom e civilizatório, e oposto é dizer um bárbaro então civilização significa mais desenvolvido. E a segunda expressa que existem múltiplas civilizações e maneiras de ser evoluído, igualando todas as civilizações num mesmo patamar e salientando que estas têm diferenças culturais, de idioma e religião, mas estão no mesmo patamar.

Segundo elemento, **Civilizações são entidades ou grupos culturais**, compartilham das mesmas ideias, ideais e valores estando localizados numa área geográfica e nessa área tem o mesmo estilo de vida, mesmas regras e com os mesmos fenômenos culturais compartilhados.

Em grande medida as grandes civilizações da história da humanidade estão organizadas e se sobrepõem as grandes religiões, por exemplo a Itália em seu sul e norte são diferentes, mas se formos a olhar a Itália junta como um todo, compartilha da mesma cultura que vai ser diferente da Alemanha, mas se passarmos ao nível macro a Itália e

Alemanha, compartilham de uma mesma cultura que se comparada, é completamente diferente da cultura Indiana.

Daí chegamos ao terceiro ponto, que as **civilizações são abrangentes** são uma totalidade e uma combinação, os indivíduos têm níveis de identidade e também múltiplas identidades. Ora vejamos, seu bairro tem uma identidade, que faz parte de uma cidade que tem uma identidade e a mesma cidade faz parte de um país que tem sua identidade, esse país faz parte de uma região do mundo que talvez tenha pontos de relações indenitárias que comungam. A identidade começa em níveis baixos, como a família, que se vão acrescentando outros níveis que vão chegar ao civilizatório. Portanto a civilização é a mais alta antes da identidade da espécie humana ou nível da humanidade. As civilizações conseguem transcender regiões geográficas e fronteiras.

O quarto elemento: **civilizações são mortais**, o que quer dizer que deixam de existir, acabam, se transformam, se fundem, são conquistadas, são assimiladas e transformadas, por exemplo no continente americano, as civilizações Maias e Asteca já não existem. Portanto, são organismos vivos em movimento e transformação, ou seja, as civilizações podem deixar de existir.

Quinto elemento: **Civilizações não são políticas**, não existe uma organização de justiça coleta de impostos de exército e estado de uma civilização, ela pode englobar múltiplos estados ou ser uma confederação numa civilização como a União Europeia, onde é uma federação em que vários estados com várias leis, comungam da mesma cultura numa esfera maior, ou pode ser um único estado, como o Japão que é um único país ou Estado, nesse caso há uma sobreposição dos estado japonês com regras, coleta de impostos, um exército e a civilização, mas normalmente não são políticas o que não significa que elas não façam política.

Sexto elemento é que existem **múltiplas civilizações**, vários autores apontam diferentes quantidades de civilizações, Huntington se baseando em todos esses pensadores e identifica 9 (nove) como principais:

Civilização Confucionista que engloba Vietnã, as Coréias, a China.

Civilização Islâmica que nasce na Península arábica por volta do século VII, se expande para o norte da África, depois península ibérica, desce para o subcontinente Indiano na Ásia central e vai para o sul da Ásia e para boa parte da África.

Civilização ortodoxa que é diferente do cristianismo ocidental e que esta sustentada na Rússia e engloba uma parte do leste europeu e é a civilização Eslávica Ortodoxa.

No subcontinente da Ásia a **Civilização hinduísta** que é a base de todas as populações que vivem nessa zona com origem há mais de 3000 anos antes de cristo.

Por outro lado, tem as que não são reconhecidas com clareza e Huntington delimita elas e considera civilizações:

Civilização da África subsaariana, embora vários pensadores indiquem que não haja uma civilização africana no seu todo pois no Norte da África foi em boa parte influenciada pela civilização Islâmica e no sul de África influenciado pelo colonialismo com influência de países como Holanda, França, Inglaterra, por exemplo e não pode se encontrar de uma coesão única cultural. Se formos a tomar Etiópia como exemplo, esta não se encaixa em nenhuma das civilizações acima citadas pelas características próprias da sua cultura e história.

Civilização Japonesa para Huntington Japão tem características próprias e neste caso é uma civilização homogênea, separada, que não recebeu influências de grandes religiões e culturas e considera o Japão uma civilização única e uma civilização de um só país.

Civilização Ocidental que com a expansão incorporou a América do Norte, a Europa ocidental e a Austrália, foi a civilização que dominou o mundo por muito tempo, com várias ideologias que tem papel importante para o mundo, mas é interessante perceber que a queda desta que permite que outras floresçam. Quando termina a Guerra Fria, a colonização, os países começam a ganhar autonomia e a última divisão que foi criada pelas ideologias que foi criado pelo ocidente é destruída e vemos o surgimento de outras identidades vindo ao de cima, permitindo que outras civilizações surgissem ou voltassem ao palco da política internacional.

Civilização da América Latina: América latina, diferentemente da América do Norte seguiu um caminho de desenvolvimento econômico diferente, de relação das religiões também diferentes, sendo predominantemente católica e a reforma que aconteceu na Europa fundiu catolicismo com protestantismo só agora vem se fazendo

sentir na América Latina sendo ainda majoritariamente católica e isto é um diferencial em relação a Europa e América do Norte.

Civilização Budista que alguns países são budistas e reafirma que não são nem islâmicos, nem confucionistas. Uma vertente do Budismo (Maaiana) se expande para China, Coreia, Japão e Vietnã, sendo assimiladas pelas culturas indígenas locais, mas não são incorporadas completamente e criaram outras filosofias, enquanto que a mais antiga escola do budismo a Teravada está presente no Butão, Mianmar Camboja, Tailândia Mongólia e Siri Lanka. (Huntington 1996)

4. FATORES QUE INFLUENCIARAM O CHOQUE DE CIVILIZAÇÕES

Há um debate sobre as razões dos choques entre civilizações não terem acontecido antes, porque só a partir de 2001 se assentam essas disputas, guerras e choques? A maioria das interações não aconteciam entre as civilizações e quando aconteciam eram esporádicas e pontuais e limitadas pelas questões geográficas. As primeiras grandes civilizações: mesopotâmicos, egípcios, fenícios, persas e hebreus não se encontraram, há poucos momentos em que estas civilizações se encontravam e as guerras da época eram internas a exemplo dos gregos. A tecnologia de transporte que o ocidente apresenta permitem que as nações comecem a interagir mais. No século VII vivencia-se um contato intercivilizacional entre a civilização islâmica e a ocidental e a Islâmica e Hindu, aqui começa a haver um contato mais presente.

Huntington afirma que a tecnologia foi um fator determinante, o avanço tecnológico trouxe consigo a mobilidade, a facilidade de acessar novos territórios com civilizações diferentes e aqui começa o processo de domínio e subjugação entre civilizações. E num momento da história em que o tipo de conflitos muda drasticamente que vimos quando tratávamos das civilizações, em o indivíduo vive uma busca pelo que difere do outro, uma civilização da outra é onde entra este choque, “as linhas de encontro das civilizações vão ser os campos de batalha do futuro”.

5. PRINCIPAIS CONFLITOS INTERNACIONAIS DO SÉCULO 21 EM RAZÃO DOS CHOQUES DE CIVILIZAÇÕES

O insight de Huntington nos ajuda a entender alguns conflitos atuais no mundo, o primeiro exemplo é de um choque não fronteiriço, mas vai nos fazer entender o quanto as diferenças encontradas no outro indivíduo ou civilização quebra barreiras de separação quando a questão é a afirmação do das suas diferenças.

5.1. Guerra ao terror 2001 até aos nossos dias

“O plano era captura quatro aviões de carreira – no espaço de meia hora. Todos os aviões estariam partindo para a Costa Oeste, garantia de que estariam com os tanques cheios de combustível. O primeiro se chocaria com a torre norte; em seguida, com uma pausa de 15 minutos, para dar ao mundo tempo para reunir-se em volta de seus aparelhos de TV; com a atenção do mundo garantida, o segundo avião se chocaria com a torre sul. Enquanto isso, um terceiro avião se chocaria com o Pentágono e um quarto seria arremessado contra Camp Davis (local onde foi assinado o primeiro acordo entre árabes e israelenses), ou, possivelmente, a Casa Branca. (WELLAUSEN apud cf. AMIS, 2001)”

Os atentados de 11 de setembro à maior potência mundial marcam um novo episódio nas relações de forças entre os de “cima” e os de “baixo”. Depois da Guerra Fria, a União Soviética deixou de existir como inimigo dos Estados Unidos, que precisaram fabricar um novo inimigo. Logo foi apontado o novo inimigo – o fundamentalismo islâmico – portador do mal, e o próprio satã era Osama Bin Laden aquilo que que Huntington chama de procurar as diferenças do eu com o outro, olhando para esse caso, podemos perceber aqui a luta entre as duas civilizações a Civilização Ocidental e a Civilização Islâmica.

A guerra do golfo tornou-se uma guerra de civilizações porque o Ocidente interveio militarmente num conflito muçulmano, os ocidentais apoiaram de forma majoritária essa intervenção e os muçulmanos pelo mundo afora acabaram por ver tal intervenção como uma guerra contra eles e se juntaram contra aquilo que viram como mais um exemplo do imperialismo ocidental. (Huntington, 1996)

Como essas duas civilizações não fazem fronteira terrestre este se tornou um dos casos mais “fora da curva” segundo a teoria de Huntington, ainda assim por serem civilizações

que para sua aceitação precisam de anular-se, de alguma forma iam se confrontar. Em resposta aos ataques os EUA invadem o Afeganistão e Iraque em 2001 e 2003 respectivamente.

5.2. Conflito entre a civilização Confucionista e Hindu

China e Índia geograficamente são separados geograficamente pela maior cadeia de montanhas do mundo o Himalaia não é único teatro geopolítico deste dois gigantes, podemos identificar mais três: os territórios que tem contato com os seus vizinhos quanto da Índia quanto da China, oceano Índico e os territórios marítimos que seu vizinho tem contato com esses dois países. Os dois países tem série de disputas territoriais ao longo da sua fronteira, mas está dividida por estas barreiras geográficas que normalmente são fontes de proteção e separação, e por isso não se assiste uma grande guerra, mobilizada com soldados em choque e confrontos entre estes dois países, simplesmente esse território é intransponível, é uma barreira difícil de ser acessar.

5.3. Os conflitos na região da Caxemira

Tido como o conflito mais longo da história, o conflito na Caxemira gira em torno principalmente da disputa entre Índia e Paquistão pelo território fronteiriço detida pela Índia. É uma disputa entre a Civilização Hindu e a civilização Islâmica que começa depois da independência destes territórios que eram antigas colônias Britânicas. Há aqui na região da Caxemira população que se identifica mais com a religião Muçulmana em cerca de 95% desta e estas disputas se aguçaram a partir da década de 90. Basicamente é preciso entender que a quando da divisão do mundo na conferência de Berlim, estas potências imperialistas não levaram em consideração as afinidades indenitárias e culturais. O conflito pode ser verificado por interesses territoriais, passando por recursos hídricos a noções de fronteira alinhadas à geopolítica. (Conflitos na região da Caxemira, 2019)

5.4. Conflito entre Armênia e Azerbaijão pelo território de Nagorno-Karabakh

O conflito, que teve uma escalada no ano de 2020 teve seu auge no início dos anos 90 com o fim da União Soviética. Armênios e Azeris, com apoio turco e russo, disputam uma histórica região montanhosa. Dentro desse conflito, destacam-se duas etnias: os armênios e os azeris. Enquanto os armênios são, em sua maioria, historicamente uma população cristã, os azeris – população de etnia turca – são majoritariamente islâmicos.

5.5. Outros conflitos

Outros conflitos de civilizações que podemos ter como exemplo são as do Kosovo em que Muçulmanos Albaneses padecem sobre a autoridade Servia que é Ortodoxa, Na Bósnia Muçulmanos contra Sérvios Ortodoxos, Em Chipre os Turcos Muçulmanos e os Gregos Ortodoxos mantem-se hostis, No oriente médio Árabes e Judeus mantem o conflito que data desde o estabelecimento da pátria Judia, no Líbano cristãos travaram guerras contra Xiitas e outros Muçulmanos, na Etiópia os Amhras Ortodoxos reprimem grupos étnicos muçulmanos. No Sudão se desenrola a maior Guerra Muçulmano-Crista. Guerra civil no leste da Ucrânia, Conflito Tajiquistão e Quirquistão, Conflito de Darfur conflito decorrente das disputas entre as populações árabes e não árabes na franja sul do deserto do Saara, as tensões entre o Japão e Rússia decorrentes da guerra Russo Japonesa do início do século XX e agora estimuladas pela disputa das ilhas Curilas, os atentados terrorista em Bali de 2002 mostram também o clima que se vive na região fronteira da Austrália e Nova Zelândia que fazem parte da civilização Ocidental contra a civilização Islâmica na indonésia, na fronteira entre os EUA e México, se vivenciam tensões entre as civilizações Ocidental e Latino Americana.

6. RAZOES DO CHOQUE DE CIVILIZAÇÕES

Para melhor entendimento Huntington apresenta 6 (seis) razões para que aconteça esse choque a primeira é que as **Civilizações são básicas**, por exemplo como a gente quer educar os filhos, qual é o papel da mulher na sociedade, como nos encaramos o que é justiça, o que a gente pensa sobre liberdade e economia, são divergências fundamentais, coisas básicas e reais não são coisas releváveis.

O mundo é menor, com o advento tecnológico, o mundo se torna mais conectado e consequentemente as informações se tornam mais acessíveis e facilmente as civilizações vão se chocar pois os indivíduos ficam sabendo de coisas que não sabiam sobre outras civilizações.

Crise de identidade, o cidadão se apega a tradição, religião e cultura, reforça a necessidade de buscar na sua cultura quem você é, e reforça a ideia de que o indivíduo é diferente do outro. Ou seja, o indivíduo não é um mero consumidor da globalização.

O duplo papel do ocidente, o ocidente para várias civilizações, não promove só globalização como se tem para outros, tudo o que se inventa pelo ocidente são formas de dominação, são formas de impor sua forma de vida, de pensar, criando uma ideia de resistência em outras civilizações, o papel do ocidente é visto de maneira dupla.

Diferenças culturais são menos moldáveis, mais difíceis de se chegar a um acordo, por exemplo, se aceita que as pessoas possam ter duas nacionalidades, mas não se aceita que você tenha duas religiões.

Regionalismo econômico, as civilizações estão se juntando em blocos econômicos que são baseados nas similaridades culturais e religiosas que existem, e reforçam a divisão de civilizações.

7. CONCLUSÃO:

Os finais do século XX abriram novas necessidades entre os povos, com o fim da discussão sobre a melhor ideologia a se seguir e os estados deixando de querer impor suas ideologias uns aos outros, nasce um novo dilema, a crise de identidade e acompanhada de outros fatores que levam o mundo a se dividir entre as diferenças e a criação de novas identidades regionais que se fizeram civilizações com o andar do tempo. Para que alguém se assume e valide sua civilização X precisa rejeitar que a civilização Y é relevante ou importante. Daí que quando essas duas ou mais se encontram num determinado campo geopolítico elas não se agregam, mas sim causam os choques das civilizações e as linhas de encontro de encontro das civilizações vão ser as linhas de batalhas do futuro.

Pontos importantes da pesquisa mostram que existem diferenças culturais dentro das civilizações, as diferenças culturais e religiosas têm movido o comportamento e divergências do mundo, o indivíduo pode não se sentir dentro de uma civilização, mas quando se coloca num tabuleiro geopolítico mundial, o Moçambicano se sente mais identificado com o Ruandês ou Queniano que com o Hindu ou Chinês por exemplo.

O indivíduo está redescobrimdo formas de associação e definição, com a evolução, estado-nação, democracia, justiça, comunicação em massa, globalização, etc., pareciam que os ódios não fariam mais sentido, mas para que este individuo se aceite como um precisa se negar como dois.

Portanto o mundo vai entrar em conflito ou em choque por conta das diferenças culturais e a gente vê isso com nacionalismo, refugiados, antiglobalização, imigrantes, com todos os movimentos que o mundo apresenta contra o movimento de conexão do mundo inteiro. Interessante perceber que para os autores que versam sobre a geopolítica, concordam com Huntington quando fala, que este é o último estágio de conflitos da humanidade, ele explica que evoluímos de conflitos entre príncipes e monarcas para estados nações para ideologias e agora vivemos o estágio final de conflitos que seria o estágio de civilizações e é negável que estas civilizações vão mesmo entrar em choque.

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. As Relações Internacionais Contemporâneas e os Conflitos Armados no Século XXI à luz do Direito Internacional.
2. ALVES, Q. Rafael João PONTÉ Victor, APARECIDO M. Julia. Série Conflitos Internacionais ISSN: 2359-5809 V. 6, n. 5, outubro de 2019.
3. BULL, Hedley A Sociedade Anárquica. Brasília & São Paulo: IPRI, UNB, 2002
4. Compreendendo as Primeiras Civilizações – Mesopotâmia Disponível em: infoenem.com.br.
5. FUKUYAMA, Francis. *The end of history and the last man*. New York, Perennial, 2002.
6. HUNTINGTON, Samuel. O choque das civilizações e a recomposição da nova ordem mundial. Rio de Janeiro: Objetiva, 1997.
7. VAN ACKER, M.T. Grécia: a vida cotidiana na Cidade-Estado. São Paulo: Atual, 1994.
8. WELLAUSEN, Saly. Tempo Social; Rev. Sociol. USP, S. Paulo, 14(2): 83-112, outubro de 2002.